

*“Senhor Prefeito Municipal, Tauillo Tezelli, com as chaves da administração, autor e inspirador da feliz idéia de reunir os mourãoenses, com a finalidade maior da comemoração, lembro-me prefeito com muita satisfação pessoal, que privei da amizade do seu pai, o Tezelli do açougue. Tempos passaram e o menino quando então assumi a Prefeitura que não tinha dez anos, estava entre seis e oito anos. No tempo que passou, firmou-se para dirigir os mourãoenses, entre os quais os seus pais e os seus familiares incluíram-se, respeitando e amando este povo.*

*Cumprimento também o Senhor Representante da Câmara Municipal. Não há nenhuma manifestação cívica e cultural e nem democrática quando os representantes do povo presentes não estejam, porque faltaria no simbolismo exatamente o que é primordial: o animo, à vontade e a fidalguia de uma gente.*

*Dom Mauro conhecemo-nos não faz muito tempo, mas a partir daquele momento, cativou-me, sobremodo, a sua simplicidade. Mais do que a simplicidade. Emocionou-me o seu sentimento de louvor, não ritual, mas pelo coração, o que vale dizer com amor a Deus. E vendo quando entrou por este tapete,*

*se destacou na cor, para que os passos de quem celebrava em nome do Criador também se destacasse.*

*Vendo Vossa Excelência com o cajado, senti-me de certo modo preocupado comigo mesmo. Em perceber o quão tão pouco nós damos de valor aqueles com o cajado nas mãos se dispõe com despojamento e doação ao pastoreio da sua gente. E tempo como os tais, o cajado na verdade passa a ser o terceiro pé, necessário para a firmeza de uma louvação ao Deus já tão esquecido e ao Deus que pouco se agradece. Agradeço por ter recebido a comunhão das suas mãos, por que recebi de quem com o cajado nos pastoreia, aquele que sobre nós é na verdade um inspirador e o responsável pelas nossas vidas, nós que aqui ainda estamos para testemunhar este ato comemorativo.*

*Meus amigos de Campo Mourão, a noite passa, portanto o conselho de que seja eu mais breve possível. E na impossibilidade de um desejo vertente do coração e o desejo se pudesse abraçar um a um. Não somente dar-lhes as mãos, mas abraçar o mourãoense que eu admiro e respeito e que quase há meio século na pessoa dos seus avôs e de seus pais depositaram um voto de*

*confiança num advogado que saia com seus 28 anos e recém chegado para administrar a sua Campo Mourão que começava com passos largos para um progresso que não mais cessou.*

*E na impossibilidade material de abraçar um por um, eu peço permissão para citar dois nomes, que poderão ser o símbolo do meu sentimento de alegria por este momento.*

*Pessoas simples como Dona Justilina Cardoso, viúva de José Antônio dos Santos, o primeiro prefeito de Campo Mourão. O primeiro prefeito que na verdade lançou a semente que acabou frutificando nesta sede da administração municipal e abraçando Dona Justilina, na verdade estou abraçando a todos os ex-prefeitos, vivos e falecidos.*

*E também quero abraçar um mourãoense de uma forma significativa e simples. Quero lembrar do Juarez da Banda, aquele que há 40 anos bate o bumbo e anuncia a alegria dos corações dos mourãoenses. Recordo-me do Juarez, responsável e de certo modo tímido e que me pediu para ter sua vez na banda. E para tocar um instrumento que aparentemente era o mais simples, o bumbo. "Juarez, mais porque o bumbo". E ele disse: "ainda não*

*sei ler a música, mas eu tenho no meu coração o animo, eu tenho no meu coração a visão das letras das músicas, eu toco pelo ouvido, eu acompanharei os músicos mais experientes”. “Seo” Nogarolli, então o presidente da Banda, olhava desconfiado. Juarez admitido no 7 de setembro de 1964, nos primeiros mil metros de asfalto da avenida Capitão Índio Bandeira, saindo do antigo Centro de Saúde, agora Museu, até próximo ao Clube “10 de Outubro”, quem estava a frente da banda, o Juarez tocando o bumbo. Essa dedicação tão simples, tão real, tão espontânea, uma dedicação tão amadurecida, eu abraço aqui o Juarez e com este abraço os demais músicos, e abraçando-os aqui, simbolicamente, como abracei como Dona Justilina, estou abraçando, creia-me, cada um de um modo muito apertado.*

*O prefeito Tauillo convidou-me para que dissesse algumas palavras e de outra feita já disse numa solenidade em Campo Mourão. Eu preferia ao invés de estar falando, estar ouvindo, estar cumprimentando, aliás, ser o último, dos últimos, bem lá distante. E num horizonte amplo, eu revise toda a vida de*

*Campo Mourão, dos pioneiros de 1910, passando pelos Teodoro, pelos Albuquerque, pelos Walter, pelos Xavier, passando pelo Cipriano do Pinhalão que veio ainda que um pouco adoentado, cunhado do José Costa Maria que foi vereador a minha época. O Cipriano das festas de São João no Pinhalão, agora Farol. Festas tão simples, da fogueira, da sanfona, mas, sobretudo, em homenageando São João, que foi severo no dizer e no admoestar. Também naquele lugar, as famílias humildemente se reuniam para comer a pamonha feita pelas mãos da mulher de Cipriano e pelos seus filhos, um dele agora já moço e ao seu lado.*

*É peremorização assim que eu preferia continuar pensando, mas gravando no coração e na memória as palavras do neto de Antônio Teodoro, o “Antoninho do Pito”, aquilo que parecia pejorativo, o “Antoninho do Pito”, na verdade teve uma significação na história de Campo Mourão, o pito do homem que fumava no pito, porque aqui não chegava cigarro, o cigarro em palha, já era um progresso, era o fumo cortado que vinha de Guarapuava, trazido por aqueles que iam tocando porcos ou nos cargueiros comprar o sal e o querosene.*

O "Antoninho do Pito" granjeando respeito com mais de 4.000 mil afiliados. O que vale dizer 4.000 mil compadres, ele se tornou um símbolo da simplicidade, da responsabilidade, do trabalho, da seriedade, do devotamento, mas, sobretudo, da honestidade em saber ser aquele em quem confiavam. A sua esposa Dona Zoraide (Zuleika) que fazia os partos como parteira de então, a falta de hospitais que aqui não existiam na época que chegavam. Quantas crianças, certamente aqui quantos netos, estarão daquelas crianças que nasceram pelas mãos da parteira, esposa do "Antoninho do Pito". Irmão de Joaquim Teodoro, que tem aqui a Adelaide e o Nelsinho. Irmão do Joaquim, irmão do Alfeu, enfim da família Teodoro.

E para não dizer da presença de Anita Albuquerque, a mãe do nosso Joel, o nosso gaitero. Quantas noites alegrou Campo Mourão na falta na época da televisão e de outra diversão. Fazia serenatas pelas ruas de Campo Mourão cheia de pó ou com muito barro, mas sempre com a lua enluarada, mostrando que os dias e as noites se misturam quando os homens dão se as mãos, e

*alegram-se uns aos outros, não importa a hora, nem o meio e como se faz.*

*Meus amigos, recordarmos dá uma alma nova, e o primeiro prefeito que lançou a semente deste prédio, cada um a seu modo no depois, construindo um Campo Mourão para chegar no Campo Mourão de hoje, é a aproximação de duas vertentes ou de dois extremos, o ontem e o hoje. Não existiria o prédio, não fosse a primeira sede da Prefeitura na praça Getúlio Vargas, onde hoje está o prédio da antiga loja Musical, ou no segundo prédio na metade da quadra seguinte.*

*Em 1963, Antoninho Teodoro teve a feliz inspiração de construir uma sede. E eu assumindo em dezembro de 1963, vi que os alicerces estavam prontos, a parede do primeiro piso já levantadas, faltava a lajes que se seguiram. Dinheiro escasso, dificuldades crescentes, mas tinha a inspiração de que a mesma forma que a casa simboliza a família ou servem para reunião dos familiares, o Município precisa ter uma sede, que orgulhe sua gente. Que dela se aproxime, não importe o nome do prefeito e*

*nem quem são os seus vereadores, mas que tenha a certeza que são homens que trabalhem e pensam no bem público.*

*Sei que todo esforço com a colaboração da Câmara de Vereadores, só para homenagear os que já faleceram: Fioravante Ferri, Silvio Legnani, o Zé Baiano que tanto contribuíram, os vereadores demais, muitos presentes, aqui presente o Getúlio Ferrari, outros tantos que deram as mãos com empréstimo nosso no Banco do Estado do Paraná, com aval particular do prefeito e de outros, conseguimos mais de quatro mil cruzeiros, levantamos o prédio.*

*Num dia, não muito diferente de hoje, evidentemente não era noite, por volta das 16 horas, aqueles três mastros das bandeiras já estavam colocados ali. Não tínhamos a calçada. Muito menos o asfalto. Mas tínhamos este ladrilho, que foi da primeira fábrica, conseguimos comprar o maquinário, para fabricar estes ladrilhos que arrumaram as primeiras calçadas de Campo Mourão.*

*Os ladrilhos originais ainda estão ali, esta calçada que não é a mesma da época, muito pó.*



*Mas lembramos Dom Mauro, de que a inauguração não poderia ser meramente um ato administrativo formal, era preciso o povo, com o povo a alegria, para alegrá-los a banda. Para o seu espírito cívico o Hino Nacional. O Hino de Campo Mourão o professor Martello ainda não tinha escrito e a professora Walkyria não tinha musicado. A Bandeira veio depois, como foi historiado há pouco.*

*Naquela tarde, Senhores, alguns ou maioria, os netos que vivenciaram aquele momento. Renato Fernandes, ex-prefeito estava presente, José Costa Maria, presente, professor Egydio Martello, presente e outra centenas de pessoas. Ephigênio José Carneiro, presente, também vereador a época.*

*Era simbólico o local, gerações tinham passado para este lado, pisado neste terreno, professores deram muito para ensinar os mourãoenses naquela época. Tinha que ser um momento muito significativo convidamos Dom Eliseu Simões Mendes, primeiro bispo de Campo Mourão, se celebraria a missa e ele aceitou, numa animação como fez hoje ou nos informou hoje Dom Mauro, aqui estávamos nós, numa primeira obrigação devocional, agradecer a*

*Deus por Campo Mourão conseguia com sacrifício da sua gente e na modéstia do esforço de cada um edificar o prédio de cor marron.*

*Mas o Brasão já estava lá, eu encomendei em São Paulo, numa encomenda num Brasão que foi votado de autoria do vereador Nelson Prado na época anterior.*

*Fiz questão que ausente não estivesse Antonio Teodoro de Oliveira, o “Toninho do Pito”, que deixara a Prefeitura menos de um ano antes, que lançara os alicerças e as primeiras paredes. Ele veio e seus familiares também. A missa muito bonita como a de hoje, muita devoção, muita gente, muita oração, mas também muito sentimento e muitas lágrimas na hora que foi hasteada a Bandeira Nacional, a do Paraná em seguida e a de Campo Mourão ainda não existia.*

*Celebrada a missa, a banda animando, o povo contente, a fita verde-amarela desatada pelo prefeito de então que era eu, mas na companhia de Antônio Teodoro. Não havia como esquecer, por mera questão política, aquele que administrara anteriormente, que já lançara a pedra fundamental. Móveis novos, Renato*

*Fernandes deve se lembrar, como também o dr. Aymar. Tudo novo, o Gabinete do Prefeito com persianas azuis, a cor do céu, foi escolhida de propósito. E quantas vezes, daquela janela, afastando a persiana, eu via os mourãoenses passar por estas calçadas, empoeirando-se, mas animado.*

*Tinha a impressão que está viva na minha mente de que eles se reclinavam diante da sede do Município, onde os sonhos dos mourãoenses eram planejados para depois serem executados nas obras que se sucederam, os primeiros mil metros quadrados de asfalto que se seguiram por todo este Centro, esta rua logo em seguida, frente do Paço Municipal.*

*Afinal quantos sonhos de quanta gente, aqui passava a centralizar as emoções que vieram desde hoje. E eu me sentia responsável na continuação de tantos exemplos de dedicação, o prefeito ganhando quarenta cruzeiros por mês. E eu, nem por isso me sentia obrigado, ou me sentia encorajado, nem os vereadores, a nos afastar das obrigações municipais para cuidar das nossas vidas próprias. Eu vendi minha coope, vendi outro terreno, mas*

*graças a Deus, somente graças a Deus e a confiança dos mourãoenses cheguei ao final do meu mandato.*

*Eu cumpri meu mandato, o que não cumpri foi à prorrogação de dois anos que depois foi estabelecida.*

*Mas, tudo aquilo que no dia da inauguração parecia o fim, na verdade não foi o último dia, porque o entardecer não é o fim, porque nós sabemos que do crepusculo vira outra vez a aurora. Aquele dia da inauguração, não era o último dia da administração do Município, porque o último dia não é o último dia do tempo e nem o último tempo é o fim de tudo, outros dias virão. O homem é que inventou as horas, o homem foi quem inventou os dias, porque o tempo é o tempo, o tempo é o mesmo. Nos aqui nada mais fazemos do que voltarmos no mesmo tempo ao Campo Mourão de 40 anos, no dia da inauguração do prédio, com a mesma emoção e o mesmo sentimento, pelo menos eu sinto. Eu volto a minha mente naquele momento tão importante em que eu conseguia dar satisfação aos munícipes daquilo que dissera na campanha estava sendo realizado. E fiz mais, o nome de Antônio Teodoro foi colocado na placa de*

*inauguração. Não fiz nada de exagerado, o mérito era dele porque ele começou a obra. E o mourãoense soube reconhecer que havia um gesto de lealdade dos mourãoenses para com o seu ex-prefeito. E também de respeito com seu prefeito de então.*

*Na verdade, meus mourãoenses é que debaixo do sol, perto do portal, o depois veio como antes, veio o tempo, perto do portal há sempre luz, como astro-luz a beira do farol que ilumina e orienta. O depois vem como antes veio. E este depois de agora, nada mais é uma conseqüência do antes há 40 anos.*

*E eu me empolgo em verificar e cumprimento o prefeito Tauillo que se recordou que apesar de 40 anos, o tempo continua o tempo de Campo Mourão. Continua o tempo que já é não somente de sonhos, mas de realizações. É verdade que para realizar nos podemos sonhar e sonhando quando o sonho é sincero, quando a um sonho, permita-me à redundância bem sonhado é como nos vicemos inebriados no nascer do dia, o sol iluminando não a um, mas a todos, com a mesma grandeza e com a mesma luz.*

*Mas este prédio também é preciso lembrar, já no final destas minhas palavras ele não foi erguido nem na administração de Antônio Teodoro e nem com a semente lançada pelo primeiro prefeito e pelos prefeitos que sucederam e nem concluído na minha administração. Na verdade ele foi edificado por todos.*

*Tive a oportunidade há quatro anos na instalação da 1ª Vara da Justiça Federal em Campo Mourão, então como Coordenador Geral da Justiça Federal no Superior Tribunal de Justiça de dizer que aquela Vara era um sonho, que eu como advogado de 26 anos, chegando em Campo Mourão jamais sonhará, apesar de tanto sonhar, mas era um sonho de todos e ela se realizava. Não por conta de alguns ou de poucos, mas pelo esforço de todos. É a participação do anônimo.*

*Dom Mauro, eu me lembro bem estava presente, o prefeito Tauillo e o presidente da Câmara quando na solenidade eu disse que queria homenagear os anônimos. Dom Mauro ainda continua bem viva aquela imagem belíssima que sai dos santos evangelhos quando do milagre da multiplicação dos pães. Jesus o homem, mais do que o homem, o filho de Deus, junto os seus amigos,*

*depois denominados de apóstolos por ele escolhidos. Mas havia uma multidão, cinco mil ou mais adultos, fora às mulheres e as crianças.*

*Segundo descrição do livro santo era um gramado e um dos apóstolos, quem sabe João, o mais novo, o mais próximo, o mais preocupado, quem sabe Pedro, o mais idoso, o mais experiente. Enfim, quem sabe Dom Mauro o primeiro Concílio tenha acontecido, junto com Jesus discutem o que vamos fazer para alimentar essa gente. É muita gente. Aconselha um dos apóstolos “vamos desandá-los, vamos dispensá-los e vamos a cidade mais próxima comprar alimentos”. E Jesus diz: “não, nós mesmos vamos alimentá-los, vocês os alimentarão”. “Mas como, o que vocês tem, eu tenho cinco pães, mas para cinco mil pessoas”. Há como um espanto, a como um susto, a como um suspense, a que como uma perplexidade, nos apóstolos atônicos. Tão interessante, às vezes eu fico refletindo, quanta gente ao lado de Jesus e nenhuma com ele.*

*E nós também, às vezes eu me surpreendo pensando isso estamos ao lado de Jesus e não estamos juntos de Jesus. É como*

*o caso dos dois ladrões. Dimas, o bom e o mal. Ambos crucificados ao lado de Jesus, somente Dimas, o bom, ficou junto dele ao final e por isso mesmo foi o primeiro santo canonizado diretamente por Jesus.*

*Mas afinal de contas, cinco pães, tanta gente, e o que mais. Eis que tem ali um menino com dois peixes, cinco pães e dois peixes. E os cestos mais de doze foram cheios, depois da multidão alimentada. Os anônimos que nós não sabemos o nome. Os anônimos que não sabemos que foram. Não sabemos o nome do menino e de quem deu os dois pães. Mas o milagre se realizou e as cinco mil pessoas, fora às mulheres e as crianças foram alimentados.*

*E este prédio, quantos anônimos se juntaram na pintura e na argamassa, na preparação dos tijolos, na preparação e entortamento dos ferros, no transporte das telhas, na fabricação dos vidros, no trabalho artesanal, no trabalho profissional, quanta gente se dedicou e nós não sabemos os seus nomes, mas não importa, porque anônimos são, mas nesta noite também tem o nosso reconhecimento.*



*E é desta forma e com estas palavras, de certo modo um depoimento de eras vividas, de forma muito rápida, que bom seria se ao som da gaita do Joel, ouvindo o bumbo com o Juarez e seus companheiros, o grupo de jovens que tão abrilhantamento animou esta missa, cantando e tocando, nós todos imaginativamente, sonhando, mas um sonho que não é de terror e que não assusta, porque é o sonho da utopia, não a redundância em falar “sonho da utopia” , porque utopia vai além é o querer sonhar, pensando na realização do amanhã.*

*Campo Mourão, daqui a 40 anos, ligando o ontem com o hoje, com a mesma sombra e com a mesma luz que se confundem, debaixo do mesmo sol, ou ainda com a luz orientadora do mesmo farol e daqui a 40 anos, possam os mourãoenses, os netos e os bisnetos dos netos de hoje, neste local, com as bençãos de Deus e numa noite como essa, sem chuva e sem calor, sem frio e sem dor, possam vir agradecer a Deus, abraçar paz em Cristo e abraçando-se, agradecer porque nós amamos, queremos e estimamos Campo Mourão, como “lote um, da gleba um do nosso coração”.*

*Muito obrigado!*